

LINGUAGEM E IMAGINAÇÃO: LITERATURA INFANTIL COMO EIXO DE APRENDIZAGENS E INTERAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Thaís de Oliveira Batista ¹

Priscila Nunes Brazil ²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o papel da literatura infantil na promoção da linguagem e da imaginação na Educação Infantil, articulando fundamentos teóricos de Vygotsky, para quem a imaginação é parte essencial do desenvolvimento cognitivo, e as diretrizes da BNCC (2017), que valorizam o campo de experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação”. A pesquisa, de natureza qualitativa, utiliza análise bibliográfica e observação de práticas pedagógicas envolvendo a leitura mediada, a contação de histórias e a recontagem pelas crianças. Busca-se compreender como o contato com narrativas literárias, aliado a contextos de interação e ludicidade, favorece a ampliação do vocabulário, a construção de sentidos e o desenvolvimento de competências socioemocionais. Os resultados parciais apontam que a literatura infantil, quando trabalhada de forma dialógica e sensível, potencializa não apenas as habilidades linguísticas, mas também o pensamento criativo, a expressão corporal e a socialização entre pares. Considera-se, portanto, que a literatura na Educação Infantil, mais do que um recurso didático, é um espaço de encontro entre linguagens, afetos e culturas, constituindo um elemento estruturante para as aprendizagens e para o fortalecimento das interações sociais das crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil, Literatura Infantil, Linguagem, Imagem, Interações.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFPE). Professora do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), professoramariathaisdeoliveira@gmail.com;

² Doutoranda em Linguagem e Ensino (UFCG). Professora do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), prinunesbra31@gmail.com.



INTRODUÇÃO

A infância é o tempo do brincar, do imaginar e do dizer, tempos e modos de ser que se expressam, primordialmente, por meio da linguagem. Na Educação Infantil, as experiências com a palavra, com as narrativas e com as múltiplas linguagens constituem um território privilegiado de formação humana, em que o sujeito se descobre como autor e participante de um mundo simbólico e cultural. Nesse contexto, a literatura infantil emerge não apenas como um recurso didático, mas como um eixo estruturante das aprendizagens e das interações, possibilitando que a criança atribua sentidos ao mundo, exercite sua imaginação e amplie seu repertório linguístico e afetivo.

De acordo com Vygotsky (2009), a imaginação é uma função psicológica superior que participa ativamente do desenvolvimento cognitivo e da criação simbólica. Para o autor, o pensamento imaginativo se forma nas interações sociais e é alimentado pelas experiências vividas e pela linguagem, que permite ao sujeito representar e transformar a realidade. Assim, ao ouvir e reinventar histórias, a criança não apenas reproduz conteúdos, mas cria novas possibilidades de significação, transitando entre o real e o ficcional de modo criativo e autônomo. Nesse sentido, a literatura infantil assume papel fundamental na mediação entre o sujeito e o mundo, estimulando tanto a linguagem oral quanto o pensamento abstrato, a memória e a afetividade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), destaca a importância do campo de experiência “*Escuta, fala, pensamento e imaginação*”, enfatizando que as crianças aprendem a se expressar, a compreender e a construir sentidos nas interações e brincadeiras. Essa perspectiva rompe com práticas tradicionais de ensino da linguagem centradas na decodificação, reconhecendo o potencial da literatura como experiência estética, cultural e formadora. Conforme Zilberman (2003), a leitura literária na infância não deve ter como meta apenas o ensino da leitura, mas o desenvolvimento da sensibilidade, da empatia e da reflexão sobre o humano.

Diversos autores brasileiros têm discutido o valor da literatura infantil como campo de conhecimento e como prática educativa. Abramovich (1997, p. 45) destaca que “ler histórias é brincar de faz de conta com o outro”, revelando o caráter lúdico e interativo da leitura. Coelho (2000) acrescenta que o texto literário oferece à criança a possibilidade de ampliar seu universo simbólico e emocional, ao mesmo tempo em que favorece o desenvolvimento da oralidade e da imaginação criadora. Já Cosson (2018) defende que a



leitura literária é uma prática social de produção de sentidos e deve ser compreendida como um direito cultural, e não como mero instrumento pedagógico.

Nessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo geral analisar o papel da literatura infantil na promoção da linguagem e da imaginação na Educação Infantil, evidenciando como as práticas de leitura mediada, contação e recontagem de histórias contribuem para o desenvolvimento integral das crianças. Especificamente, busca-se: a) identificar as contribuições da literatura infantil para o enriquecimento do vocabulário e o aprimoramento da oralidade; b) compreender como as narrativas literárias estimulam o pensamento criativo e o faz de conta; e c) discutir o papel do professor como mediador das experiências literárias no contexto da Educação Infantil.

A pesquisa é de natureza qualitativa, fundamentada na análise bibliográfica e na observação de práticas pedagógicas em turmas de Educação Infantil de uma escola pública municipal. As observações centraram-se em momentos de leitura, recontagem e dramatização de histórias, buscando compreender as interações, os gestos e as expressões linguísticas das crianças diante do texto literário. O referencial teórico dialoga com Vygotsky (2009), Abramovich (1997), Coelho (2000), Zilberman (2003), Cosson (2018) e Soares (2020), que discutem a linguagem como mediação, a literatura como espaço de aprendizagem e a leitura como prática social.

Os resultados parciais indicam que, quando trabalhada de forma dialógica, sensível e planejada, a literatura infantil contribui para a ampliação da linguagem, para o desenvolvimento da imaginação e para o fortalecimento das interações sociais. As crianças demonstram prazer estético, desenvolvem escuta atenta e produzem narrativas próprias, revelando autoria e criatividade. Além disso, o ambiente literário, permeado por afetos e trocas simbólicas, mostra-se propício à construção da autonomia, à ampliação do repertório cultural e ao exercício da empatia.

Assim, ao integrar literatura, linguagem e imaginação, o trabalho pedagógico na Educação Infantil assume um caráter formativo e humanizador. A literatura se torna um lugar de encontro entre linguagens, culturas e afetos, em que o aprender se confunde com o brincar e o narrar. Conclui-se que, mais do que um recurso metodológico, a literatura infantil constitui uma prática de escuta, expressão e invenção, essencial à formação de sujeitos criativos, críticos e sensíveis, capazes de ler o mundo e transformá-lo.

O texto está organizado em quatro partes principais. A primeira apresenta os fundamentos teóricos que sustentam a relação entre literatura, linguagem e imaginação, articulando essas dimensões ao contexto da Educação Infantil. Em seguida, descreve-se



a metodologia adotada na pesquisa, de natureza qualitativa, baseada em análise bibliográfica e observação de práticas de leitura, contação e reconto de histórias.

Na terceira parte, são apresentados e discutidos os resultados obtidos, organizados em três eixos de análise: a literatura como espaço de linguagem e escuta sensível; a imaginação como forma de pensamento e criação; e as interações literárias como práticas de convivência e aprendizagem. Cada eixo busca evidenciar o papel da literatura como eixo estruturante das experiências infantis. Por fim, nas considerações finais, são apresentadas reflexões acerca das contribuições da literatura para a formação integral das crianças e para o fortalecimento das práticas pedagógicas que valorizam a escuta, a sensibilidade e o diálogo.

METODOLOGIA

O presente estudo insere-se no campo da pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, tendo como foco compreender de que modo a literatura infantil pode favorecer o desenvolvimento da linguagem e da imaginação na Educação Infantil. Optou-se por essa abordagem por reconhecer, conforme Bogdan e Biklen (1994), que a pesquisa qualitativa busca compreender fenômenos em seu contexto natural, valorizando as interpretações, os significados e as interações humanas envolvidas no processo educativo.

A investigação articula dois procedimentos principais: análise bibliográfica e observação de práticas pedagógicas. A análise bibliográfica teve como objetivo sustentar teoricamente a discussão sobre literatura infantil, linguagem e imaginação, com base em autores clássicos e contemporâneos, como Vygotsky (2009), Abramovich (1997), Coelho (2000), Zilberman (2003), Cosson (2018) e Soares (2020). Esses referenciais permitiram compreender a leitura literária como prática cultural e formativa, e a imaginação como processo constitutivo do pensamento e da linguagem na infância.

A observação das práticas pedagógicas foi realizada em uma escola pública municipal localizada no estado de Pernambuco, no período de março a maio de 2025. Participaram da pesquisa duas turmas de Educação Infantil, sendo uma do grupo de 4 anos e outra do grupo de 5 anos, totalizando aproximadamente 30 crianças. As atividades observadas envolveram momentos de leitura mediada pelo professor, contação de histórias, recontagem oral e dramatização de narrativas infantis. O registro foi feito por



meio de anotações em diário de campo e registros fotográficos das produções das crianças, sempre com autorização da instituição e dos responsáveis.

A escolha por observar situações de leitura e recontagem justifica-se por entender, conforme Abramovich (1997) e Coelho (2000), que é nesses momentos que a criança revela sua forma singular de se apropriar da linguagem literária, expressando emoções, ideias e invenções. A observação buscou identificar elementos que evidenciassem a relação entre literatura, imaginação e linguagem, como: o envolvimento das crianças durante a leitura; a ampliação do vocabulário; as manifestações criativas e expressivas; e as interações estabelecidas entre os pares e o professor.

Para a análise dos dados, foi utilizada a técnica de análise interpretativa de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), que permite organizar e categorizar as informações coletadas, identificando unidades de sentido relacionadas aos objetivos da pesquisa. As categorias emergiram do próprio material empírico e do diálogo com a teoria, considerando aspectos como mediação pedagógica, expressão linguística e imaginação criadora.

Em termos éticos, a pesquisa respeitou as diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regula as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. A instituição escolar assinou o termo de anuência e os responsáveis pelas crianças autorizaram a observação mediante termo de consentimento livre e esclarecido. Os nomes das crianças foram substituídos por pseudônimos, garantindo o sigilo e o respeito à identidade de cada participante.

A metodologia adotada, ao valorizar a escuta e a observação sensível, buscou compreender as experiências literárias como processos de aprendizagem e de produção simbólica. Desse modo, mais do que quantificar resultados, este estudo pretendeu revelar as nuances das interações e dos sentidos produzidos pelas crianças diante da literatura, evidenciando como a linguagem e a imaginação se entrelaçam na construção do conhecimento e da subjetividade infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados coletados por meio da observação das práticas pedagógicas e dos registros no diário de campo permitiu compreender como a literatura infantil atua na promoção da linguagem, da imaginação e das interações na Educação Infantil. As experiências observadas revelaram a riqueza simbólica e comunicativa das situações de



leitura, mostrando que o contato das crianças com o texto literário vai muito além da escuta: trata-se de um processo de envolvimento, interpretação e criação compartilhada.

Os resultados foram organizados em três eixos principais, definidos a partir das categorias emergentes durante a análise interpretativa de conteúdo (Bardin, 2011) e articulados ao referencial teórico que fundamenta este estudo: (1) A literatura como espaço de linguagem e escuta sensível, que evidencia a ampliação da oralidade e do repertório linguístico das crianças; (2) Imaginação e criação simbólica nas experiências literárias, que aborda o papel do faz de conta e da criação no desenvolvimento cognitivo e emocional; e (3) Interações e mediação docente no contexto da leitura, que discute a importância do professor como mediador de experiências literárias dialógicas e afetivas.

Esses eixos se entrelaçam e revelam que a literatura infantil, quando integrada às práticas pedagógicas de modo intencional e reflexivo, transforma-se em um território de aprendizagem, sensibilidade e convivência, promovendo o desenvolvimento integral da criança, conforme preconizam a BNCC (2017) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010).

A literatura como espaço de linguagem e escuta sensível

Pensar a literatura na Educação Infantil como espaço de linguagem e escuta sensível é reconhecer que a palavra, antes mesmo de ser compreendida em sua dimensão escrita, já é experimentada pelas crianças como som, gesto, ritmo e afeto. A linguagem literária, ao contrário do discurso utilitário ou meramente informativo, abre-se ao simbólico e ao poético, criando uma atmosfera de sentido em que o dizer se torna experiência. Nesse contexto, a literatura se afirma como uma forma de educação da sensibilidade, em que o aprender a ouvir, falar e narrar se entrelaça com o aprender a ser e a estar com o outro.

Durante as observações realizadas, foi possível notar que, ao escutar uma história, as crianças não apenas recebiam informações, mas se envolviam em um processo ativo de construção de significados. As expressões faciais, as intervenções espontâneas e os comentários feitos durante a leitura indicavam que elas elaboravam hipóteses sobre os acontecimentos e atribuíam sentidos próprios ao que ouviam. Essa postura ativa confirma o que Bakhtin (1992) já afirmava sobre a natureza dialógica da linguagem: toda palavra é resposta e expectativa de resposta. Assim, quando a criança escuta uma história, ela não



o faz de modo passivo; ela dialoga internamente com o texto, com o narrador e com seus pares, num processo contínuo de produção de sentidos.

A literatura, nesse sentido, constitui-se como um campo privilegiado de formação linguística, pois possibilita o contato com diferentes formas de enunciação, com a musicalidade da língua e com a diversidade de registros e estilos. Abramovich (1997) observa que “ouvir histórias é brincar com as palavras”, e essa brincadeira é, na verdade, um exercício de linguagem que envolve imaginação, ritmo e emoção. Nas turmas observadas, esse brincar se manifestava no modo como as crianças repetiam expressões do texto, criavam rimas e incorporavam as falas das personagens às suas próprias falas cotidianas, um indício de apropriação linguística e de expansão do repertório verbal.

Além de desenvolver a linguagem oral, a literatura também estimula a escuta sensível, uma escuta que vai além do ouvir literal e que acolhe o outro em sua singularidade. Freire (1996) afirma que “escutar é um ato ético e político”, pois implica reconhecer o outro como sujeito de voz e de experiência. O momento da contação de histórias, quando conduzido com intencionalidade pedagógica e respeito à curiosidade das crianças, torna-se um exercício dessa escuta ética. O professor, ao narrar, não apenas lê, mas partilha um tempo de afeto e atenção, convidando as crianças a participar do texto e do mundo.

Essa dimensão de escuta foi observada em práticas nas quais o docente valorizava as falas das crianças, retomando suas interpretações, perguntando o que pensavam e incentivando que relacionassem a história a vivências pessoais. Em uma das turmas, após a leitura de *Chapeuzinho Vermelho*, uma criança perguntou: “E se o lobo só quisesse brincar?”. A professora acolheu a hipótese, e o grupo passou a discutir novas versões possíveis para o conto. Essa atitude demonstra que a escuta sensível não apenas amplia a linguagem, mas promove a formação de sujeitos dialógicos, capazes de argumentar, imaginar e se colocar no lugar do outro.

De acordo com Vygotsky (2009), a linguagem é o principal mediador do pensamento e do desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Ao participar de situações de leitura compartilhada, a criança é desafiada a reorganizar suas ideias, elaborar hipóteses e compreender o ponto de vista de outros interlocutores. A literatura, portanto, atua como instrumento de mediação simbólica, que transforma o simples ato de ouvir em uma prática de elaboração cognitiva e afetiva.

Também é importante destacar que a literatura promove a inclusão da diversidade linguística e cultural, uma vez que apresenta à criança múltiplas vozes, sotaques, ritmos



e modos de viver. Ao ouvir histórias de diferentes origens, contos africanos, lendas indígenas, narrativas urbanas e populares, as crianças entram em contato com uma pluralidade de mundos, ampliando seu repertório cultural e fortalecendo o respeito pela diferença. Essa experiência confirma a concepção de linguagem defendida por Bakhtin (1992), para quem cada palavra é atravessada por vozes sociais e históricas.

Portanto, compreender a literatura como espaço de linguagem e escuta sensível significa reconhecer que, na Educação Infantil, o texto literário não é apenas recurso didático, mas um território de encontro entre o eu e o outro, entre a palavra e o silêncio, entre o sentido e o sentimento. É nesse espaço que as crianças constroem não apenas saberes linguísticos, mas também modos de ser no mundo, aprendendo que a linguagem é lugar de expressão, diálogo e afeto.

Imaginação e criação simbólica nas experiências literárias

A imaginação, segundo Vygotsky (2009), é uma das mais importantes funções da consciência humana, responsável por transformar a experiência em criação. Na infância, ela constitui a base do pensamento criador, permitindo à criança recombina elementos do real e do fantástico para compreender o mundo e expressar-se nele. Nesse sentido, a literatura infantil não é apenas um instrumento para o desenvolvimento cognitivo, mas um espaço privilegiado de criação simbólica, onde a criança pode elaborar, por meio da linguagem, suas emoções, medos, desejos e descobertas.

Durante as observações, foi possível perceber que as crianças, ao entrarem em contato com narrativas literárias, criavam universos próprios a partir das histórias lidas ou contadas. Quando recontavam as tramas, frequentemente alteravam personagens, desfechos e cenários, evidenciando um processo ativo de reelaboração simbólica. Esse movimento confirma a ideia de que, na Educação Infantil, a leitura literária deve ser compreendida não como mera decodificação de texto, mas como uma experiência estética e criadora (Larrosa, 2002), na qual o imaginário infantil encontra espaço para se manifestar e se reinventar.

Em uma das atividades observadas, após a leitura do livro *O caso do bolinho*, de Tatiana Belinky, as crianças criaram novos finais para a história: algumas transformaram o bolinho em um astronauta; outras o fizeram virar amigo dos animais. Essas recriações, além de revelarem envolvimento com o enredo, demonstram que a imaginação se articula à linguagem como forma de expressão do pensamento e da afetividade. Vygotsky (2009)



já apontava que o ato de imaginar nasce da combinação entre o vivido e o sonhado, sendo, portanto, uma síntese criadora entre experiência e fantasia.

A literatura, ao oferecer imagens poéticas e narrativas simbólicas, convida a criança a transitar entre o real e o imaginário, construindo sentidos sobre si e sobre o outro. Bettelheim (1980), ao analisar o papel dos contos de fadas, destaca que as narrativas simbólicas permitem à criança lidar com conflitos internos e compreender aspectos complexos da existência, como o medo, a perda e a coragem. Ao recontar essas histórias, a criança reconfigura tais experiências em um plano simbólico, transformando o medo em brincadeira e o conflito em criação.

No contexto pedagógico, a imaginação deve ser compreendida como dimensão estruturante do processo de aprendizagem. Coelho (2000) afirma que a literatura infantil é a porta de entrada para o pensamento criador e para a formação da subjetividade, pois oferece modelos simbólicos que ampliam a compreensão da realidade. Quando o professor propõe atividades de reconto, dramatização ou ilustração das histórias, ele está, na verdade, proporcionando às crianças a possibilidade de construir novas formas de representar o mundo, de transformar palavras em imagens, gestos e narrativas próprias.

A criação simbólica, estimulada pela literatura, também se manifesta nas linguagens plásticas e corporais. Após a leitura de *O Pequeno Príncipe*, por exemplo, observou-se que as crianças desenharam planetas, estrelas e personagens inventados, dialogando com o texto e projetando nele suas emoções. Essa multiplicidade de expressões evidencia a interligação entre linguagem, arte e imaginação, reforçando o campo de experiência proposto pela BNCC (2017), “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, que orienta o trabalho pedagógico na Educação Infantil a partir da indissociabilidade entre o pensar, o sentir e o criar.

Larrosa (2002) lembra que a experiência estética é aquela que “nos toca e nos transforma”. Quando a literatura se torna parte da rotina educativa, o cotidiano da sala de aula se enriquece com o inesperado, com a curiosidade e com o encantamento. A imaginação, nesse contexto, não se limita ao plano da fantasia, mas constitui um modo de conhecer e de produzir sentido sobre o mundo, permitindo que a criança se reconheça como sujeito criador.

Assim, compreende-se que a literatura infantil, ao mobilizar a imaginação e o simbólico, ultrapassa a função instrumental de ensinar palavras ou valores. Ela forma o sensível, educa o olhar e o escutar, e, sobretudo, possibilita à criança experimentar-se como autora de significados. Nas experiências observadas, a imaginação revelou-se não



como fuga da realidade, mas como modo de reinventá-la, transformando o cotidiano em narrativa e a palavra em potência criadora.

Interações, linguagem e socialização nas práticas literárias

A literatura infantil, quando inserida de maneira intencional no cotidiano da Educação Infantil, torna-se um potente mediador das interações entre as crianças e entre elas e os adultos. Ao ser partilhada em momentos de leitura, contação ou reconto, a narrativa literária cria um espaço coletivo em que a palavra circula, se reinventa e ganha novos significados. Nessa dimensão, a literatura atua como dispositivo de socialização, promovendo não apenas o desenvolvimento da linguagem, mas também o aprendizado da convivência, da escuta e do respeito às diferenças.

Durante as observações realizadas, foi possível perceber que as práticas literárias assumiam um caráter dialógico e participativo. Nas rodas de leitura, as crianças se manifestavam de modos diversos: algumas comentavam os acontecimentos das histórias, outras antecipavam desfechos, e algumas apenas observavam, sorrindo ou reagindo com gestos. Esse conjunto de manifestações evidenciava que o ato de ler e ouvir histórias é, antes de tudo, um ato social, em que cada criança ocupa um lugar simbólico e interativo. Segundo Bakhtin (1992), toda enunciação é orientada para o outro e, portanto, toda fala é também uma resposta. Assim, a literatura possibilita que as crianças se reconheçam como sujeitos de linguagem em relação constante com os outros sujeitos e com o mundo.

Esses momentos coletivos de leitura e reconto mostraram-se férteis para o desenvolvimento da linguagem oral e para o fortalecimento dos vínculos afetivos. As crianças não apenas ampliaram seu vocabulário, mas também aprenderam a esperar sua vez de falar, a ouvir com atenção, a negociar sentidos e a expressar opiniões. Como aponta Vygotsky (1998), é na interação social que as funções psicológicas superiores se desenvolvem, e a linguagem é o principal instrumento de mediação nesse processo. A literatura, ao favorecer o diálogo, oferece às crianças a oportunidade de experimentar a palavra em um contexto de cooperação e sensibilidade.

Em uma das situações observadas, após a leitura de “O Menino do Dedo Verde”, de Maurice Druon, a professora propôs uma roda de conversa para que as crianças falassem sobre o que fariam se tivessem o mesmo poder do personagem. As respostas foram múltiplas e cheias de imaginação: algumas queriam “encher o mundo de flores”, outras “plantar brinquedos”. A docente acolheu cada fala, reformulando e expandindo as



ideias, e o grupo passou a construir coletivamente uma nova história. Esse momento evidenciou o valor da literatura como catalisadora de interações criativas e solidárias, em que as crianças aprendem a pensar juntas e a reconhecer a legitimidade da voz do outro.

Além das interações verbais, a literatura também favorece trocas simbólicas e expressivas por meio de gestos, sons, desenhos e dramatizações. Quando uma criança assume o papel de narradora, de personagem ou de ilustradora, ela se coloca em relação com os colegas, experimentando outras perspectivas e modos de ser. Essa multiplicidade de linguagens confirma a proposta da BNCC (2017), que reconhece a interação como eixo estruturante das práticas na Educação Infantil, enfatizando que é nas relações com os outros e com o mundo que as crianças constroem conhecimento, identidade e pertencimento.

As práticas observadas também revelaram que a literatura tem um papel fundamental na formação das competências socioemocionais. As histórias oferecem situações imaginárias em que as crianças podem reconhecer emoções, refletir sobre conflitos e aprender a lidar com sentimentos de medo, raiva, alegria ou tristeza. Quando partilham suas impressões sobre o que sentiram ao ouvir uma história, as crianças exercitam a empatia e o autoconhecimento. Segundo Abramovich (1997), ouvir histórias é um modo de “escutar o outro e a si mesmo”, pois cada narrativa ressoa nas experiências pessoais e na afetividade de quem a escuta.

Nesse sentido, a literatura infantil contribui para que o espaço escolar se torne um ambiente de convivência ética e sensível. Freire (1996) destaca que o diálogo é o caminho da humanização, e que educar é um ato de encontro e reconhecimento. As práticas literárias, ao criarem oportunidades para que as crianças contem, escutem e interpretem histórias, promovem exatamente esse tipo de encontro: o encontro com o outro, com a linguagem e com a própria subjetividade. É nesse movimento que se forma o sujeito falante, criador e social, capaz de transformar a palavra em gesto de escuta e de partilha.

Portanto, compreender a literatura como eixo de interações na Educação Infantil é reconhecer que ela extrapola o campo da linguagem escrita para tornar-se um espaço de convivência simbólica e afetiva. A palavra literária, ao ser dita, ouvida e reinventada pelas crianças, tece uma rede de sentidos que fortalece vínculos, amplia repertórios e humaniza as relações. Nesse processo, a leitura deixa de ser um fim em si mesma e passa a ser um modo de viver o coletivo, em que a linguagem se faz lugar de encontro, imaginação e formação.



A análise das práticas observadas permitiu compreender que a literatura infantil, quando integrada ao cotidiano da Educação Infantil de forma intencional e dialógica, ultrapassa sua dimensão estética para assumir um papel formador essencial na constituição da linguagem, da imaginação e da socialização das crianças. As experiências vivenciadas nas rodas de leitura, nas contações e nas recontagens mostraram que a literatura é um espaço em que a palavra se faz viva, em que o ouvir e o dizer se entrelaçam, produzindo aprendizagens significativas.

Ficou evidente que o trabalho com a literatura promove o desenvolvimento de competências linguísticas e comunicativas, mas também potencializa a expressão emocional e a criatividade. As crianças, ao recontarem e reinventarem histórias, exercitaram o pensamento simbólico e a capacidade de elaborar hipóteses sobre o mundo. Essa experiência confirma o que Vygotsky (2009) e Coelho (2000) defendem: a linguagem e a imaginação não se desenvolvem isoladamente, mas em um contínuo processo de interação social e cultural.

A presença da literatura no ambiente escolar também se mostrou decisiva para a construção de vínculos afetivos e para a ampliação da escuta sensível. Ao participarem de momentos de leitura coletiva, as crianças aprenderam a valorizar a fala do outro, a negociar sentidos e a se expressar com maior autonomia. Essas práticas, mediadas por professores atentos e acolhedores, favoreceram não apenas o domínio da linguagem oral, mas a formação de uma postura ética diante da diversidade de vozes presentes nas histórias e nas relações cotidianas.

Outro aspecto relevante foi a constatação de que o uso da literatura como eixo das práticas pedagógicas exige do educador uma postura reflexiva e criadora. Não se trata apenas de ler para as crianças, mas de ler com elas, permitindo que a narrativa se torne um ponto de partida para a construção de novos sentidos, para o diálogo e para o encantamento. O professor, nesse contexto, assume o papel de mediador da palavra, de quem sustenta o espaço da curiosidade, da escuta e da imaginação compartilhada.

Desse modo, os resultados indicam que as práticas literárias observadas, quando orientadas por uma intencionalidade educativa sensível, contribuem para a formação integral das crianças, envolvendo dimensões cognitivas, linguísticas, afetivas e sociais. A literatura mostrou-se, portanto, um instrumento de humanização — uma forma de ensinar pela emoção, pela beleza e pelo diálogo.

Assim, a discussão desenvolvida ao longo desta pesquisa reforça que a literatura infantil não é apenas um complemento às demais áreas do conhecimento, mas um eixo



estruturante das experiências educativas na infância. Ao articular linguagem, imaginação e interação, ela possibilita à criança compreender o mundo, criar novas realidades e reconhecer-se como sujeito de cultura e de palavra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste estudo possibilitou compreender que a literatura infantil, quando inserida de maneira intencional e sensível na Educação Infantil, constitui-se como um eixo essencial para o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e das interações sociais. O objetivo de investigar o papel da literatura na promoção da linguagem e da imaginação das crianças foi alcançado ao demonstrar que a leitura, a escuta e o reconto de histórias potencializam aprendizagens que envolvem não apenas aspectos linguísticos, mas também afetivos, cognitivos e simbólicos.

Os resultados obtidos evidenciaram que a literatura infantil vai muito além de um recurso didático. Ela se afirma como uma experiência estética e cultural que convida a criança a criar, imaginar e compartilhar significados. Ao ouvir e recontar histórias, as crianças revelam compreensão, emoção e criatividade, articulando pensamento e sentimento de forma indissociável. Essa vivência confirma a concepção de Vygotsky (2009), para quem a imaginação é um processo constitutivo do pensamento e da linguagem, e se desenvolve em situações de interação e de troca simbólica.

As observações realizadas também mostraram que as práticas literárias são espaços privilegiados de diálogo e convivência. Durante as rodas de leitura e contações de histórias, as crianças ampliaram o vocabulário, fortaleceram vínculos e aprenderam a escutar e a respeitar o outro. Nesses momentos, a literatura cumpriu sua função socializadora, promovendo valores como empatia, cooperação e solidariedade. As interações, permeadas pela mediação docente, tornaram-se oportunidades de construção conjunta de sentidos e de formação humana.

Outro aspecto relevante diz respeito ao papel do professor. A mediação sensível e a escolha criteriosa das obras literárias são determinantes para que a leitura se torne uma experiência significativa. O educador que lê com as crianças, e não apenas para elas, cria um ambiente de escuta e de imaginação compartilhada. Essa prática contribui para a formação de leitores críticos e sensíveis, capazes de compreender a si mesmos e o mundo por meio da linguagem.



Conclui-se, assim, que a literatura infantil ocupa um lugar central no processo educativo da infância. Ela possibilita que a criança viva experiências simbólicas e criativas, expresse emoções e aprenda a conviver. A palavra literária, ao ser compartilhada, transforma a sala de aula em um espaço de encontro, de escuta e de criação. Valorizar a literatura na Educação Infantil é reconhecer o direito das crianças de imaginar, narrar e sonhar, assegurando-lhes uma formação integral, pautada na linguagem, na sensibilidade e na convivência com o outro.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Brasília: Conselho Nacional de Saúde, 2016.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- DRUON, Maurice. **O Menino do Dedo Verde**. São Paulo: José Olympio, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.



SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 18. ed. São Paulo: Ática, 2020.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev S. **A imaginação e a arte na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

